

O Carmelo é sinónimo de vida interior. Os místicos e escritores carmelitas compreenderam que “estar em Deus” e “estar nas suas coisas” nem sempre coincidem. Preocuparmo-nos com mil coisas de Deus sem nos enraizarmos n’Ele (cf. Lc 10, 38-42), mais cedo ou mais tarde apresenta-nos a conta: percebemos que O perdemos pelo caminho.

Papa Francisco, *Discurso aos participantes no Capítulo Geral OCD*, 21 de setembro de 2019



Boletim de Espiritualidade

1 JULHO 2023
Ano X Nº 109

109



Agenda julho 2023

- 1 **Braga** (Casa de Soutelo) – Espelho, espelho meu, alguém se sente como eu [🔗](#)
- 2 a 7 **Fátima** (Capuchinhos) – Retiro Bíblico [🔗](#)
- 5 a 7 **Fátima** (C. Paulo VI) – Cursos de Verão 2023: *A Peregrinação a Fátima* [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – Ana Castro [🔗](#)
- 3 a 9 **Ávila** (CITeS) – Coaching Cognitivo [🔗](#)
- 3 a 11 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 5 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 7 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro de silêncio [🔗](#)
- 7 a 9 **Albergaria-a-Velha** (N. S. Socorro) – Retiro CER [🔗](#)
- 7 a 9 **Ávila** (CITeS) – Dançando a nossa plenitude [🔗](#)
- 14 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 15 **Online** – *De Véspera com Nossa Senhora do Carmo* – Frei André Morais, ocd [🔗](#)
- 14 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 31 **Lisboa** – MAGIS 2023: Encontro mundial de jovens da Companhia de Jesus [🔗](#)
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 23 Dia mundial dos avós e dos Idosos [🔗](#)
- 23 a 29 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *“Desperta, tu que dormes, levanta-te”* (Ef. 5,14) – P. José Augusto Leitão [🔗](#)
- 23 a 30 **Ávila** (CITeS) – Exercícios Espirituais: *O amor escolheu-me* [🔗](#)
- 29 **Porto** – Encontro Internacional de jovens vicentinos [🔗](#)
- 31 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro Internacional de Jovens Carmelitas [🔗](#)

31 **Lisboa** – Conferência Internacional: *os Cuidados com a Criação* [🔗](#)

31 a 5ago **Ávila** (CITeS) – Retiro de verão: *Determinada determinação* [🔗](#)

Agenda agosto 2023

- 1 a 6 **Lisboa** – Jornada Mundial da Juventude [🔗](#)
- 7 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – Lucas Mendes [🔗](#)
- 7 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 10 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 a 19 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *“Dinamismos de esperança e fraternidade”* – P. Manuel Barbosa [🔗](#)
- 16 a 24 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 a 26 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *“Dinamismos de esperança e fraternidade”* – P. Manuel Barbosa [🔗](#)
- 21 a 25 **Fátima** (Domus e Carmelo S. José) – Retiro de Sacerdotes [🔗](#)
- 21 a 26 **Fátima** (Consolata) – Curso de missiologia: *Corações ardentes, pés ao caminho* [🔗](#)
- 22 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Psicologia positiva: Parte I [🔗](#)
- 27 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 27 a 31 **Fátima** (Capuchinhos) – Semana Bíblica Nacional: *A Vocação na Bíblia* [🔗](#)
- 28 a 2set **Ávila** (CITeS) – I Congresso Internacional Santa Teresa de Jesus: *«Uma corrida gigante»*. *O Manuscrito “A” de História de uma Alma* [🔗](#)



Encontro internacional de jovens carmelitas

Realiza-se em Fátima, no dia 31 de julho de 2023, o *Encontro Internacional de Jovens Carmelitas*. O convite é dirigido aos jovens de todo o mundo que, de alguma forma, estão ligados a família carmelita. A iniciativa surge no contexto da JM2023 e tem como objetivo promover o encontro e a partilha dos jovens entre si e com o Padre Geral da família religiosa, para que possam fazer a experiência da riqueza do carisma carmelita e da dimensão universal da família. [🔗](#)



VENERÁVEL IRMÃ LÚCIA DE JESUS

Desde o dia 22 de junho de 2023 que a Ir. Lúcia de Jesus e do Imaculado Coração de Maria passou a ser reconhecida por toda a Igreja com o título de "Venerável", um passo muito importante para o seu processo de beatificação.

O Papa Francisco assinou nesse dia o decreto de venerabilidade. Tal declaração significa que a vida e escritos da Irmã Lúcia estão conformes com as verdades da fé, que nada há na sua vida e imensos escritos, que contradiga a doutrina da Igreja, antes pelo contrário, significa que viveu a vida da fé em grau heróico.

No site do Dicastério da Causa dos Santos podemos ler: «Durante a audiência concedida a sua Eminência Revma o Senhor Cardeal Marcello Semearo, Prefeito do Dicastério da Causa dos Santos, o Sumo Pontífice autorizou o mesmo Dicastério a promulgar o decreto das virtudes heróicas da Serva de Deus, Lúcia de Jesus e do Imaculado Coração (no século Lúcia dos Santos), monja professa da Ordem das Carmelitas Descalças, nascida a 28 de março de 1907 em Aljustrel, Portugal, e falecida a 13 de fevereiro de 2005 em Coimbra.

Agora, é momento para darmos graças ao Senhor por esta notícia tão importante.

A Conferência Episcopal Portuguesa, ao saber da notícia, emitiu uma nota dizendo: «É com grande alegria que a Conferência Episcopal Portuguesa acolhe a decisão do Santo Padre de promulgar hoje o Decreto sobre as Virtudes Heroicas da Serva de Deus Lúcia de Jesus, nascida a 28 de março de 1907 em Aljustrel e falecida a 13 de fevereiro de 2005 no Carmelo de Santa Teresa em Coimbra. Trata-se de um passo importante no processo de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, que passará a ser designada como "Venerável". Que a vida e as virtudes da Irmã Lúcia sejam cada vez mais conhecidas e fomentadas



entre o Povo de Deus, a fim de ser declarada como modelo de santidade.

Neste momento de jubilosa celebração, a Conferência Episcopal manifesta particular sintonia com a Ordem dos Carmelitas Descalços e com o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, desejando que o processo em curso, na oração e no estudo, conduza brevemente à Beatificação da Irmã Lúcia».

Mais informações: <https://www.fatima.pt/pt/news/virtudes-heroicas-da-irma-lucia-reconhecidas-pelo-vaticano> e em <https://lucia.pt/irma-lucia-passa-a-ser-veneravel/>

Consagração ao Imaculado Coração de Maria

A vós, Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe,
ao vosso Coração Imaculado
me consagro em plena entrega de doação ao Senhor.
Tomai-me sob a vossa maternal proteção,
defendei-me dos perigos que me rodeiam.
Ajudai-me a vencer as tentações que me solicitam para o mal.
Ajudai-me a conservar a pureza do meu corpo,
do meu espírito e do meu coração.
Levai-me a Jesus, Vosso Filho e Filho de Deus,
para unida a Ele, ser oferecida ao Pai sobre o altar,
pequenina *Hóstia de amor*,
para eterno louvor da Santíssima Trindade,
a Quem adoro e amo.
Acredito no Seu amor e espero, na Sua misericórdia,
cantar contigo, ó Maria – para sempre – o louvor da Sua Glória.

Eucaristia de ação de graças

– 1 de julho: às 17h,
no Carmelo de Coimbra

(Composta a 29 de Outubro de 1986, no Carmelo de Coimbra, pela Venerável Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado)

A palavra dos salmos bíblicos

Armindo Vaz, OCD

Os salmos são bem conhecidos. O essencial, porém, não está no conhecimento ou na informação sobre eles. Está na história que os gerou e nos conteúdos que suscitaram. Até poderiam ser declamados como monumentos literários, como poesia com uma vertente artística notável, de uma cultura pré-clássica. Mas não é esse o principal interesse deles. Mais emocionante é pensar que foram a oração de um povo ao longo de dez séculos e, depois, a oração de Jesus.

Se o espírito e a realidade da oração estão omnipresentes a toda a Bíblia hebraica, os salmos são o seu livro de oração por excelência, onde ela reina soberana, em toda a sua imponência e em todas as formas. Recolhem todos os géneros de oração: hinos de louvor nas festas e em circunstâncias de alegria, súplicas e lamentações individuais e colectivas, orações em situações de perigo e de acção de graças, orações para celebrações régias (de entronização e sagração do rei: Sl 2; 110; 20-21; 61; 72; 18; 28; 63; 101; 132; 144; 45), “cânticos das peregrinações/subidas” (Sl 120-134, porque a peregrinação para o templo de Jerusalém era sempre entendida como subida, quer na geografia física, quer em sentido metafórico), salmos sapienciais ou meditativos... Apesar desta variedade, o judaísmo qualificou o livro inteiro dos salmos com o título *T^ohillím-Louvores*. Louvor a Deus por tudo o que os orantes viam como obra do seu amor: “O Senhor é grande e digno de todo o louvor” (Sl 96,4). Os responsáveis pela atribuição do título sentiram que o louvor é em tudo uma necessidade premente do amor: nem há nada mais agradável do que louvar o que se ama.

Podemos pensar então que os salmos são a alma hebraica inteira em oração, oração em estado puro: além de formularem pedidos a Deus, às vezes de forma dramática, frequentemente glorificam-no, pela beleza e grandeza contemplada na natureza, pelos feitos divinos realizados na história. “Em nenhuma língua do mundo a glória de Deus foi cantada como nos salmos” – disse o rabino Josué ben Levi no séc. II d.C. (Talmude de Jerusalém, *Sukhot* III, 12). Eles fizeram cristalizar o melhor da fé do povo de Deus durante um milénio; consubstanciaram a fina flor da sua espiritualidade, expressão da sua real aliança com Deus. São o espelho límpido da sua interioridade. Segundo a expressão de 1Cr 16,42, são a “música de Deus”, executada solenemente no templo. São o livro de Deus e o livro do homem. Brotaram do espírito do homem a dirigir-se ao Espírito de Deus.

Realmente, os salmistas não se cansam de cantar o Deus transcendente e imanente, porventura conscientes de que a referência ao absoluto nos torna mais humanos e nos salva. Quem tem empatia com as pulsações humanas e religiosas dos salmos, quem vibra ao ritmo das «subidas» para Deus que neles palpitam, detecta um vivo sentido de Deus. Estão, de facto, cheios de Deus: na sua grande intensidade de pensamento sinfónico, falam a Deus, louvando e lamentando-se, suplicando e protestando, agradecendo e adorando. É por Ele que eles clamam. É a Ele que eles se queixam. É a Ele que eles celebram. A própria pergunta pelo ser de Deus tornava-se objecto de pura oração:



Rei David

FRA ANGELICO – Museu de São Marcos, Florença – 1443-45

«Quem mais tenho nos céus [senão a ti]? E, tendo-te a ti, não desejo nada sobre a terra...; para mim, felicidade é estar perto de Deus» (Sl 73,25.28). É sobretudo nos salmos que se nota que o Deus de Israel é um Deus em relação dialogal com o ser humano. Os salmos foram surgindo, não da busca de verdades, mas da busca de Deus: «Diz de ti o meu coração: “busca o seu rosto”; sim, Senhor, o teu rosto eu procuro; não me escondas o teu rosto» (Sl 27,8-9). Não são doutrina sobre Deus. Falam a Deus, coisa que também supõe deixarem falar Deus. Aprofundam a verdade de que Deus é alguém que se pode escutar e invocar. Pouco a pouco, em Israel o importante foi-se deslocando dos dons de Deus para o próprio Deus. Ele é que se tornou o ponto final de todas as petições: «O meu ser anseia por ti, ó Deus, / como terra resseca e cansada, sem água» (Sl 63,2). Não fora por Deus, pela necessidade de o puxar para a vida quotidiana, e não teríamos o saltério. Deus é que fez brotar os salmos. E a recitação persistente inculca o sentimento da sua presença, que tudo enche: afina o gosto do diálogo com o Deus vivo. Só uma recitação rotineira, arrastada ou martelada pode ‘perdê-lo de vista’, como o hábito de não respirar fundo pode esquecer o ar que se respira.

Os salmos dão testemunho de um património espiritual que impregnava a vida social em Israel; e são multiplicadores dessa espiritualidade. Mas dão testemunho sobretudo de que Deus pode ser ‘alcançado’ pela fé, ao ser chamado e pensado na oração: «Ó Deus, Tu és o meu Deus! / É por ti que eu madruço! / A minha alma tem sede de ti» (Sl 63,2). Os salmos têm consciência de que o Deus em que acreditam é o Deus a quem podem falar com um *Tu* pessoal: «Ó Deus..., os nossos pais contaram-nos a obra que Tu realizaste nos seus dias...; levanta-te, pois, vem em nossa ajuda, / liberta-nos por causa da tua misericórdia!» (Sl 44,2.27).

Centro Pastoral Universitário do Carmo

Residência Universitária em Viana do Castelo



A comunidade dos padres Carmelitas Descalços de Viana do Castelo inaugurou um novo espaço de acolhimento apensar nos jovens universitários. O Centro Pastoral Universitário do Carmo (CePUC), visa proporcionar um ambiente acolhedor e promover a integração entre os jovens que vêm dar continuidade à sua formação. Com boas instalações e a um passo dos vários polos do Instituto Politécnico, o CePUC oferece aos estudantes uma variedade de serviços e recursos para facilitar a vida académica. [🔗](#)

Carta apostólica por ocasião dos 150 anos do nascimento de Santa Teresinha



O Papa Francisco dedicou a catequese da Audiência geral de quarta-feira, dia 7 de maio de 2023, à figura de Santa Teresa do Menino Jesus. Na Praça de São Pedro estavam presentes as suas relíquias e as de seus pais, São Luís e Santa Zélia. Dirigindo-se aos milhares de fiéis presentes na Praça, o Papa Francisco destacou o título de Padroeira universal das Missões de Santa Teresinha, embora nunca tenha saído em missão; relevando sempre que o seu desejo – tal como ela escreve – era ser missionária, e não apenas durante alguns anos, mas por toda a vida; mais ainda, por toda a eternidade. Ela era uma monja carmelita descalça, e a sua vida foi marcada pela pequenez e pela fraqueza: ela mesma se autodefinia «um pequeno grão de areia». De saúde frágil, morreu com apenas 24 anos. O Pontífice anunciou que pretende dedicar à Santa de Lisieux uma Carta Apostólica por ocasião dos seus 150 anos de nascimento, que se celebram neste ano de 2023. [🔗](#)

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)

Futura Doutora da Igreja?



No ano do centenário do Batismo de Edith Stein (1 de janeiro de 1922), o Definitório Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços, em diálogo com o Postulador Geral e o Diretor da Pontifícia Faculdade Teológica Teresianum (Roma), acolheu favoravelmente “o desejo, formulado por diversos ambientes, de propor Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) como candidata a Doutora da Igreja”. A última Assembleia Plenária Extraordinária da Conferência Episcopal Portuguesa ficou marcada também pelo apoio do Episcopado a esta proposta. [🔗](#)

Meditar a Coroinha

André Morais



Este pequeno livro, da autoria de Frei André Morais, oferece novas meditações dos Mistérios da Infância do Menino Jesus para todos aqueles que rezam a Coroinha, que peregrinam ao Santuário do Menino Jesus de Praga, em Avesadas (Marco de Canaveses). O livro está disponível nas Edições Carmelo (www.carmelo.pt).

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

cloustro

O extraordinário valor das pessoas com deficiência. O Dr. Gustavo Borges apresenta-nos uma reflexão sobre as várias dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, conduzindo-nos para bons exemplos da integração do cidadão com deficiência na nossa sociedade. A abordagem passa também pela visão cristã que carece de maior de sensibilidade e atenção. [🔗](#)

Itinerários de discernimento.

Joaquim Teixeira, carmelita descalço, escreve sobre a importância de falar de todas as diferentes vocações eclesiais aos jovens, sobretudo a partir da adolescência: «é necessário falar do valor, sentido e missão de cada vocação no seio da Igreja e da sociedade; é necessário, desde cedo, aprender a identificar, ler e interpretar os sinais específicos de cada vocação, a fim de os clarificar e se comprometer com eles». [🔗](#)

Sete surpreendentes sussurros antes do ocaso.

Em tempos de indiferença e de iliteracia do sagrado, Frei João Costa, escreve a propósito do álbum *Seven Psalms* que Paul Simon editou em maio último, e nos legou como um hino de Vésperas» [🔗](#)



Só tenho o dia de hoje!

Frei Francisco Maria Braguês, OCD

Quantas vezes, ao longo do dia, nos queixamos da falta de tempo? Quantas vezes nos lamentamos de que o dia correu e se esvaiu como areia entre os dedos da nossa mão?

Somos já conscientes de que vivemos num ritmo frenético. Tem de ser tudo feito “para ontem”. Não podemos parar, repousar, serenar... A pulsação da contemporaneidade obriga-nos a transpirar os minutos e os segundos do nosso existir em prol de tantas coisas que, afinal, não são importantes.

Atualmente parece que fazermos uma pausa, tirarmos um tempo para nós – e para Ele – é um luxo. Ou melhor, até é um pecado! Já não trabalhamos para viver, vivemos para trabalhar; a sociedade encarrega-se de nos entreter com a futilidade de tantos circos vazios e ociosos para que cada minuto esteja ocupado em frivolidades. Os telemóveis e as redes sociais encarregam-se de nos hipnotizar, privando-nos de momentos de encontro uns com os outros, de reflexão, meditação ou oração. Facilmente somos envolvidos em tramas que nos privam de estarmos com atenção ao interior, como recomendava São João da Cruz.

O leitor poderá perguntar-se: “E que interessa tudo isto para esta tribuna dedicada a Santa Teresinha?” E eu respondo: “Interessa. E muito!”

Teresa de Lisieux foi uma carmelita descalça, ou seja, uma monja de clausura. É verdade que alguns já consideram estas mulheres como espécie em vias de extinção. Mas, graças a Deus, ainda temos entre nós testemunhos vivos de mulheres que optam por este estilo de vida radical. A arquidiocese de Braga não é exceção; aliás, é um exemplo privilegiado!

Como carmelita, a vida de Teresinha era marcada pelo silêncio, pela contemplação e pela vida fraterna com as suas irmãs. Um ritmo de vida totalmente distinto do nosso. Atenção: não caímos no erro de acharmos que estas mulheres passam o dia sem fazer nada. O seu dia é bem preenchido, não sobrem dúvidas.

Pode parecer-nos, contudo, que Teresinha teria tempo para tudo e mais alguma coisa. Que viveria despreocupada e sem pressas. Não, não foi bem assim. Já fomos vendo, nos textos anteriores, que esta jovem francesa era enérgica e ativa!

Se, como dizia acima, algumas pessoas querem tudo “para ontem”, a Teresinha bastava-lhe o dia de hoje. Afinal, era consciente de que a nossa vida, de facto, nos escapa da mão como grãos de areia; é um sopro, uma sombra que passa, como reza o salmista. No seu *Canto de Hoje*, escrito em 1894, confessa: «A minha vida é um só instante, uma hora passageira / A minha vida é um só dia que me escapa e me foge».

Uma das qualidades que mais aprecio em Teresa do Menino Jesus é o seu realismo e transparência. Teresinha é consciente da fugacidade da nossa vida; de que, nesta terra, não somos eternos. Por isso, para quê ocuparmo-nos e preocuparmo-nos com o ontem e com o amanhã?



Tantos projetos que lançamos, sonhos e desejos que nos ocupam e que, tantas vezes, nos desviam de vivermos o dia de hoje com intensidade. Para não falar das tantas vezes em que estamos aprisionados ao passado...

Se só temos o dia de hoje, o tempo é curto e escapa-nos. Assim, em que é o devemos ocupar? Com quem? Deixemos falar Teresinha: «Tu sabes, ó meu Deus, para amar-Te na terra / Só tenho o dia de hoje!».

A urgência de amarmos Jesus! Amarmos a Deus que deseja ser amado! A única preocupação de Teresinha! Não adie-mos esta decisão. Amemos, hoje! Que importa o futuro sombrio ou tudo o que passou? Só temos o dia de hoje!

Não desperdicemos este presente que Deus todos os dias nos oferece. A nossa vida é como uma ampulheta – objeto que Teresinha tanto estimava – que todos os dias viramos. O que temos é esse tempo, nada mais. Acolhê-lo como uma graça das mãos do Pai é o segredo da felicidade. Amemos, confiemos, acreditemos, lancemo-nos nos braços do Pai como crianças que se sabem amadas só por hoje. Afinal, a vida é tão simples. Aproximemo-nos – hoje – desse divino Coração, refugiemo-nos nessa fonte de amor: «Ah! Dá-me, Jesus, um lugar nesse Coração / Somente por hoje».

Façamos deste cântico de Teresinha o nosso hino de amor a Deus e aos irmãos. Para amar só temos o dia de hoje. Cantemos, pois, o seu *Canto de Hoje* [Mon chant d'aujourd'hui] com a melodia de J. de la Charie: <https://www.youtube.com/watch?v=hi-l-CdE0VM>.

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 2 junho 2023

E se tiverdes de falar, falai

Frei João Costa, OCD



1. O «*não tenhais medo!*» que, por três vezes, soa no evangelho deste domingo XII do Tempo Comum, ciclo A (Mt 10, 26-33), sabe-me a uma quase intimação. Para mim, três vezes são vezes a mais para Jesus não ser levado a sério. Levemo-l'O, pois. Um pouco antes chamara Ele os Doze; agora adverte-os. Ah, e adverte-nos, obviamente, também a nós, pois todos somos, não importa a hora, chamados a ser missionários e testemunhas do Evangelho.

Só mais um pormenor: tendo em conta os versículos anteriores, todos, ainda que muitos, somos poucos, muito poucos trabalhadores para a imensidade da seara que urge recolher (em qualquer era da história).

2. No ano em que me ordenaram os Seminários não estavam cheios, mas também ainda não era inverno. Talvez apenas fim de verão. As igrejas estavam cheias, sim; nas grandes comunidades, aos domingos, celebrava-se quase de hora em hora; as catequeses tinham o seu quê de apetecível e encantador; a pastoral juvenil era como árvore frondosa cheia de frutos; os filhos bebiam a fé da boca fresca dos pais, e os netos da dos avós; e os miúdos em processo escolar passavam todos pelas aulas de EMRC. Questionava-se menos, cantava-se mais e caminhava-se mais, em grupo. Agora não. Agora grita-se, lancinantemente, como aquela mulher num recente encontro de agentes pastorais diocesanos com o seu bispo (sim, foi em Portugal, sim!): «*Senhor bispo e caros padres, a minha paróquia morreu! Para quê tantos discursos e reuniões, se a minha paróquia, volto a dizer, está morta?*».

Quando em 1992, soletrando, cheguei ao Carmo de Braga aqui celebravam-se cinco missas dominicais (seis, com a Vespertina), e todas estavam repletas de fiéis encantados e entusiasmados. Recordo-me: éramos quatro padres, e entre todas as responsabilidades pastorais da Comunidade, todos, menos um, celebrávamos três missas ao domingo!

Só mais um exemplo, para o qual, ao tempo, ninguém atempadamente me preveniu do susto: tenho bem gravada a Missa do Galo desse ano. Bem antes da hora a igreja apresentava-se abarrotadíssima! Na procissão de entrada mandaram-me à frente a abrir caminho, por entre os ombros do povo tão colados, e por entre cabeças tão duras e surdas, que só chegámos ao altar quando, cansado, o Coral parou de cantar! Só faltou – cruces, credo! – que se sentassem em cima da mesa eucarística! Não, não sentaram, mas a assembleia invadiu todo o espaço livre, mesmo no presbitério! Inolvidável! (E mais: ainda por aqui há quem lembre que, um par de anos antes, pouco tempo antes do início daquela Missa, fora necessário retirar metade dos bancos da igreja por cima das cabeças da assembleia, e nem assim o povo coube no templo, que metade dele ficou pelos corredores e nas sacristias!)

3. Hoje já não é assim.

Afinal, o que ontem alguns viam acabar, agora, e sem querer ser derrotista, sente-se o frio inverno da fé. Treme-se de frio, quero dizer. Não o digo por clarividência nem por saudade, apenas testemunho o que vejo e sinto: o povo com quem rezo é povo velho, daquele que usa casaco em plena onda de calor e ainda assim tremelica de frio. Se isso me assusta? Assusta, claro. Com quem irei rezar, quando, verdadeiramente, chegar o pino do inverno que a todos há-de constipar? Não sei.

4. Não sei!

5. Foi este, confesso humildemente, o meu espírito, quando esta manhã, celebrando missa dominical, li por duas vezes o Evangelho a duas assembleias diferentes. Óbvio é que, em momento algum, me podia passar em claro a advertência de Jesus aos seus discípulos: «*Não temais!*». Não temais?, mas como não temer, se tudo parece que se acaba? Como

não temer? Como confiar nessa palavra de Jesus, mesmo se Ele a disse direcionando-a para outro sentido: não temais as rejeições, malquerenças e perseguições de que sereis vítimas por causa de Mim e do meu Evangelho?

6. Óbvio é que o caminho que temos por diante de nossos lassos passos não será fácil. Nunca foi, aliás. Enfim, não será preciso dar muitos mais passos para bem percebê-lo. Na realidade, cada época tem desafios novos ao anúncio da Ressurreição de Jesus. Os nossos estão à vista; as soluções...

A solução é caminhar à intempérie, por entre raposas, pequenas margaridas, javalis ou lobos, como Pedro e Paulo, Inácio, Antão, Patrício, Bernardo, Hildegarda, Francisco e Domingos, Catarina, Teresa e João, João Bosco, Teresinha, Teresa Benedita e outros, e outros, e tantos outros: caminhar, caminhar com o Evangelho no coração, que esse é o seu melhor celeiro. Venha o que vier, caminhar sempre. Em frente. Venha o que vier, semear sempre. Sempre. Em frente e para os lados. Profusamente. Sem descanso.

7. Um plúmbeo véu escuro, porém, parece ter caído de vez sobre o coração da Humanidade (ao menos no Ocidente): Deus e a religião perderam sentido. É. É arrasador: Deus e as coisas de Deus já não têm leitura aos olhos e corações das gerações mais novas. Eles olham e não veem! Olham e não distinguem o sagrado do profano, uma igreja de um centro comercial, uma cruz no alto de um templo de uma haste de para-raios! E já não se trata de que o discurso sobre sagrado seja incompreensível, logo chato, não; simplesmente não o integram, pois não possuem grelha para o *ouvir* e classificar, e em consequência não o compreendem! Bem, não é que o não compreendam, não: é pior, visto que já nem dele se apercebem – ele está ali e é como se não estivesse, pois não têm antenas para captá-lo! E assim sendo, que sentido faz incorporar-se nesta ou naquela religião, mormente a cristã, se já ninguém percebe ou precisa de sinais que apontem para o eterno? (E para quê pensar ou modular a vida com sentido de eternidade, se tudo termina aqui? – dizem como se fôramos criminosos.)

8. No próximo dia 9 de julho, pelas quatro da tarde, os nossos Irmãos André e Francisco Maria, serão ordenados sacerdotes do Altíssimo, na Sé do Porto. (Penso neles quando isto escrevo...)

Meus caros, bem-vindos!

E obrigado por terdes vindo!

Como sempre, como outrora também a mim, espera-vos uma ceifa abundante, e um tempo novo e desafiante. Mas não caleis, – não podereis calar – a novidade do Evangelho de Jesus. Nem passeis por alto – não podereis passar – as exigências do seguimento de Jesus, o Senhor que chama. Seguiu-O de olhos fitos no Seu coração, que outra luz não haja. Diante do pequenino e cansado rebanhinho que nos resta, não vos julgueis superiores, nem trateis de dizer como quem impõe. Não sejais fechados aos ventos da história, nem vos apresenteis de regra e esquadro na mão, isto é, uns frios moralistas, e menos ainda, uns antipáticos, como se fôsseis os azedos senhores da verdade. Não, nada disso.

E não vos assusteis com as incompreensões, as caras feias, as piadas, os silêncios improváveis ou fugidios – fazem parte do cardápio do anúncio do Evangelho. Aliás, assustai-vos, sim, quando todos vos sorrirem, todo vos tratarem nas palminhas das mãos, todos vos baterem nas costas. Esse todos é incompatível com o anúncio. Já São Paulo sentiu que tal não poderia acontecer, sob pena de traição a Cristo! E cravai os olhos no coração rasgado do Redentor, de contrário soçobrareis!

Não temais as inimizades, temei, sim, volverde-vos inimigos do Evangelho! E no restante, paciência, doçura, coragem e amor à verdade; quer agrade quer não, quer aceitem, quer não.

Sede servidores humildes da Verdade que é Cristo. E alicerces valorosos sem medo de o ser. Em comunhão com a Igreja propõe a Verdade ao mundo, nunca, porém, como donos que dela se bastam, e menos ainda como funâmbulos que A dominam na perfeição! Não, nada disso, que se A crucificaram, que havereis de esperar para vós?

9. A Verdade é Cristo; e até nós, ou melhor, primeiro nós, estamos a caminho dela! Na verdade, não somos mais que peregrinos. E, quem sabe, quase desistentes. (Peregrino é quem, afinal, mesmo cansado, caminha sabendo para onde vai, ainda que não conheça o fim.) Sim, caminhamos todos cansados e ainda sonhadores, levando-A no coração, tratando de nos aproximarmos mais e mais da Claridade! Sim, somos peregrinos que A dizem e cantam pelos caminhos, e à volta da lareira, enquanto se assa um peixe. Mas não, não temos a verdade toda, que os outros também Dela são caminheiros mesmo que o não saibam. Por isso, se houverdes de lhes falar, falai, mas com doçura e paciência, com inteireza e firmeza, que para isso fostes chamados. (Ah, e nesta hora em que nada tenho a ensinar, insisto nas palavras de envio de São Francisco: «...*E se tiverdes de falar, falai!*»).

Num comovente discurso de meia hora, o Papa Francisco disse o que poucos responsáveis políticos toleram: o papel fundamental da Cultura, da Arte, do Sonho, na construção de uma comunidade íntegra, longe dos vícios da corrupção e da simonia.

(PEDRO ABRUNHOSA, depois da encontro do Papa com os Artistas no dia 23 de junho de 2023)